

# ECHUS DO IBATÉ

Informativo dos ex-alunos do Seminário do Ibaté

S. Roque - SP - Ano 13 - n.º 82 - Novembro/Dezembro - 2005



## CRÔNICA DE NATAL

Côn. JOSÉ MAYER PAINE (Professor)

No centro de luminoso nevoeiro, uma figura de indizível beleza, anjo do Céu aureolado de sol, envolto em roçagante túnica, mais alva que a neve das montanhas, com voz dulcíssima anuncia a grande festa do Natal: Nasceu um Menino!

Serena noite de acentuado frio. Nas alturas do firmamento cintilava um exército de estrelas iluminando suavemente o palácio dos ricos e os tugúrios dos pobres.

Embrulhados em suas surradas mantas, tranqüilos porque não lhes falta nada, tendo por alimento o leite das ovelhas e por abrigo o imenso céu das noites do oriente, deitados ao relento, pastores dormem a sono solto, enquanto um deles vigia. De certo sonham... São miseráveis; não têm nada, mas são felizes.

Os singelos pegureiros passavam as longas horas da vigília entre o sono e os contos de fada de outras eras e outras terras, abordando o eco de uma antiga crença do seu povo que lhes andava n'alma naqueles dias: a grande esperança de Israel, suspirando pela vinda de um Messias que nasceria de uma Virgem, segundo o anunciado pelos profetas.

Um tema de conversas simplesmente, nada mais. De resto, mesmo que essas coisas que os rabinos, ao que parece, comentavam nas reuniões religiosas, fossem verdade, que ganhavam com isso?

Um Messias, é claro que não viria do Céu por causa de miseráveis como eles! Quem é que se incomoda com os pobres, e pobres que não fazem revolução para reivindicarem seus direitos?

Os textos diziam, é certo, "que desceria como a chuva sobre o velo de lã". Era, pois, um Messias que devia saber o que eram ovelhas e o que são pastores. Apesar de tudo, mais valia não se embalarem em esperanças que, provavelmente, ficariam sempre vãs. É melhor dormir!...

Entretanto, começam a ouvir uns vagos sons, primeiro ao longe, mais perto depois, quando, de repente, do centro do luminoso nevoeiro, uma voz celeste se faz ouvir: "Não temais! Eis que vos anuncio uma grande alegria... Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, um Salvador... reconhecê-lo-eis por este sinal: um Menino envolto em faixas e reclinado numa manjedoura!"

Apenas acabou o Anjo de falar, brilhou no Céu um imen-

so clarão e um canto reboou num crescendo: "Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!"...

Os pastores voltaram a si; esfregando os olhos deslumbrados, entreolharam-se estupefatos... "Vamos até Belém... e vejamos o que aconteceu, o que acaba de nos anunciar o Senhor" "Vamos! A pé! Depressa a caminho!" "Vamos! Mas não façamos barulho para não acordar o Menino. Os anjos, esses, lá nas alturas podem cantar à vontade; o Menino deve estar acostumado. Mas, nós pastores, não façamos alarido..."

Bem se esforçaram os pastores; mas rebanho em marcha faz grande tropel. Alguns, provavelmente, recitaram qualquer salmo, mas... também era preciso trocar impressões. E depois tinham que tocar ovelhas e carneiros que, mal acordados, davam ares de não compreender o que se passava e caminhavam contrafeitos...

- Atenção! Deve ser ali! Sim... é ali... Psiu!... Caluda!...

Mas com o barulho desse irrequieto rebanho o Menino acordou. A Virgem Mãe acolhe os pastores com um meigo sorriso e inclina-se docemente sobre o simulacro de berço que abrisse entre as palhas.

- Não fizemos por mal, bem o sabeis!... dizem eles pedindo mil desculpas.

E Maria tranqüiliza o inocentes causadores desta santa desordem.

- E nós, dizem entre si os pastores, com medo do Messias anunciado, julgando que não era um Messias para nós! Mas, não. Pelo contrário, o Anjo disse claramente: "O Messias nasceu para vós!"

Felicitaram então os ditosos pais e, antes de se retirarem, a Mãe lhes coloca nos braços seu delicado filhinho e eles o apertam ao coração e o cobrem de beijos... Oferecem à Sagrada Família os presentes que sua pobreza lhes permite e manifestam o desejo de vir mais vezes visitar o divino infante...

Voltando para seus ranchos nas montanhas, louvam e glorificam a Deus por tudo quanto acabavam de ver e ouvir.

E Maria, ajoelhada junto ao presépio, guardava no coração todos esses acontecimentos, meditando sem cessar...

E José, aquele homem que parecia meter-se nas paredes para dar lugar à vaga dos invasores, sentia-se mais feliz do que se possuísse todos os reinos do mundo e sua glória!...

## Anote em sua agenda: Missa de Natal

O Monsenhor Sérgio Conrado, ilustre colega ibateano de 1958 a 1963, convida-nos para a celebração de nossa tradicional Missa de Natal, momento de congraçamento e de alegria. Será no dia 16 de Dezembro próximo, às 20:00 horas, na Paróquia Nossa Senhora do Carmo, a mesma que já teve como vigário paroquial nosso Cônego Laerte Vieira da Cunha, localizada na Rua Brás Cubas, 163 - Bairro da Aclimação - São Paulo-SP - tel. (11) 5579.7386. Após a celebração da santa missa, faremos nossa confraternização de Natal no salão paroquial. Com muitas músicas e alegria, sob a batuta do maestro Isaías, haverá, para nosso consumo, as bebidas oferecidas pela paróquia e as pizzas que poderemos pedir por telefone, embora nada impeça que cada um leve seus quitutes espontaneamente. Convide seus amigos e familiares e não deixe de participar desse especial momento de harmonia e amizade.



# Encontro em Helvetia

Sun Ken Mi (1966/69)

**M**eus caros amigos de Ibaté, há muito tempo não tenho o privilégio de re-encontrar tantos amigos queridos em um evento tão memorável, pois, desde 1969 não acreditei que me distanciaria tanto de uma cidade e de uma "família" que me acolheram tão bem. E, em 1973, uma grande mudança ocorreu em minha vida e emigrei para os Estados Unidos, onde vivo até hoje. Sinto-me muito feliz pela oportunidade de expressar o meu sincero agradecimento pelo convite em participar deste encontro em Helvécia, pois há muito tempo espero por este momento. Aproveito também esta chance para agradecer o Domingos Sávio Amstalden por sua hospitalidade e por proporcionar a todos nós uma deliciosa refeição, inclusive, ressaltar o enorme prazer em conhecer seu pai, Sr. Silvano Amstalden, irmão de nosso saudoso reitor D. Constantino Amstalden e todos seus familiares.

Como sempre tem acontecido nos encontros anteriores, o futebol não poderia faltar. E acreditem, pela primeira vez, após mais de 35 anos, voltei a um campo de futebol com os mesmos amigos daquele tempo. Apesar de não possuir a mesma agilidade, valeu a pena, pois foi muito divertido.

Olha pessoal, uma coisa quero dizer a respeito deste

encontro, eu adoro futebol e churrasco, mas estes não são os motivos pelos quais eu participei. A razão da minha vinda a este encontro nasceu há muito tempo atrás: a amizade e o calor humano que existe entre a gente, que não tenho encontrado em outros lugares.

Já até posso imaginar o próximo encontro, pois podem ter a certeza que estarei participando não importando a distância que percorrei, estarei aqui. Um grande abraço a todos.

## Nota do Echus:

Sun Ken Mi, nascido em Hong Kong, em novembro de 1953, chegou com sua família ao Brasil em 1959 e foi nosso companheiro no Seminário do Ibaté entre 1966 e 1969, ainda estudando por mais três anos no Seminário da Penha. Em 1973, emigrou para os EUA, onde completou seus estudos acadêmicos nas áreas de Matemática e Ciências da Computação. Hoje é funcionário do governo americano, fixado nas Ilhas Caiman, onde mora com sua família.



**NA FOTO (19.11.2005 - Helvetia-Indaiatuba-SP):** Em pé: Antônio José de Almeida, Eugênio Colacique Neto, Gilberto Gomes, José Édson Pereira da Silva, Rovirso Aparecido Boldo, Wilson de Oliveira Salles (Pe.Sabé), Bartolomeu Colacique, Domingos Sávio Amstalden, Acácio Fecho, Márcio Pereira da Silva, Sun Ken Mi, Wilson Cândido Cruz. Agachados: Bissolinho (Filho de Celso Bissoli), Donizete Aparecido Martins e Carlos Alberto Pavão.



Foto cedida pelo colega Sebastião Destéfani Reghin

## O tempo e a distância não apagam a lembrança

Attilio Brunacci (49/55)

**E**le se chamava Algirdo Antônio Bor-tkevicius; lituano da gema. Estudou no Ibaté nos idos de 1957/1958.

Seus colegas de Seminário, não conseguindo pronunciar o sobrenome, apelaram para a lei do menor esforço e apelidaram-no do onomatopaico "Bixo-Bixo", cuja sonoridade chegava bem perto do Bortkevicius, como podemos constatar. E o apelido "pegou".

Em 1958 "Bixo-Bixo" emigrou com a família para Nova York. Em seguida foi morar no Pontifício Colégio Lituano de Roma para estudar Filosofia e Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Ordenado padre, foi exercer o ministério sacerdotal na Pensilvânia (EUA) junto a uma comunidade de lituanos e de portugueses.

O "Bixo-Bixo" de outrora é hoje o Monsenhor Algimantas Bartkus, reitor do Pontifício Colégio Lituano de Roma, onde está há "apenas" 22 anos.

O "Bixo-Bixo" ficou para trás, mas sua amizade com os colegas e suas lembranças do Ibaté não se apagaram.

No dia 27 de outubro, eu recebi dele um simpático e-mail com algumas referências ao Ibaté e desejando um Feliz e Santo Natal e um abençoado Ano Novo a todos nós. Esta é a íntegra do seu e-mail:

Caro Atílio,

Agradeço muito a tua cartinha com todas as boas palavras a meu favor. O tempo passou e passa depressa demais. Eu quase me envergonho pela falta de minha atenção aos velhos e bons amigos - da nossa juventude.

É de verdade incrível que passou já quase meio século que eu não vejo o Brasil. E nem sei quando vou achar o tempo, e agora mais, a coragem de voltar "para o passado"... que parece mais uma miragem que verdade...

Por motivos meio sérios, fui aconselhado pelos meus "anjos custodes" (médicos) a reduzir o tempo de trabalho. Quase que nem precisou do con-

selho deles porque uns dois anos atrás eu já estava quase indo para a pensão (aposentadoria). O stress era demasiado eu me sentia sem forças para fazer o meu trabalho. Graças a Deus, com a ajuda de gente boa, melhorei bastante bem, mas o trabalho agora está devagarzinho ficando para trás, incluindo a correspondência.

Eu ainda sou reitor - já mais de 22 anos aqui em Roma. É um caso muito raro. Ninguém fica mais que seis anos neste trabalho. Eu acho que nasci sendo uma exceção. Mesmo que fui sempre feliz com o meu trabalho de sacerdote, vivi todos estes anos um cigano. Um cigano de Deus... Quem sabe, um destes dias (ou anos) vou decidir de viver uma vida mais normal... Tudo está nas mãos do Senhor. Chi vivrà - vedrà, dizia o Papa João Paulo II.

Recebo o "Ibaté" regularmente. Agradeço muito pela atenção que tiveram para mim. É quase incrível que, quando vi a lista na internet dos alunos que passaram por São Roque, foram tantos...

É um exército... Na lista dos apelidos falta um: "Tucano". Não lembro o nome do nosso caro amigo, mas um deles tinha um narizinho todo especial.

Eu te auguro tudo de bom! Se não tivéssemos um outro encontro, mesmo por posta eletrônica, auguro a você todos os teus caros um Feliz e Santo Natal e um abençoado Ano Novo de 2006! Um abraço brasileiro da minha parte,

Algirdo ("Bixo-Bixo"), agora: Al. Bartkus - Roma, 27 de outubro 2005

### Nota:

Algirdo, o "Tucano" a que você se referiu era o meu colega de turma Ari Joly. "Narizinho especial" foi gentileza de sua parte.

## Nossos poetas, nossa poesia

### Estudo livre

Letterio Santoro (55/58)



Psiu! Silêncio!  
É manhã de domingo.  
O salão de estudos é um mundo de criatividade!  
Cada qual faz o que quer.  
Mas...em silêncio.  
Chega de trabalho!  
Chega de cansaço!  
Chega de deveres!  
É manhã de domingo.  
Ah! é liberdade.

Vai-se da terra à lua nas páginas de Verne.  
A pena se exercita em crônicas singelas.  
À socapa, Alencar é sempre devorado.  
Enquanto Castro Alves se lê ou é imitado.  
À toa se divaga num simples pentagrama.  
Com arte delicada se guarda a borboleta.  
Ou pensa-se na Física de fórmulas estranhas.  
E cata-se palavra no velho dicionário.  
E até se filigrana em capa de caderno.  
Mas um, impaciente, exige que o besouro arraste-lhe o carrinho...

## Jantar 1ª Sexta-Feira

**V**oltamos a convidar todos os nossos colegas a participarem do jantar da 1ª sexta-feira do mês, atualmente realizado no Restaurante Angélica Grill, Avenida Angélica, 430 São Paulo-SP a partir das 19:30. Para quem vai de metrô, fica a 400 metros da Estação Marechal Deodoro. Nos dois últimos jantares (07.10 e 04.11) tivemos o prazer da presença de Manoel Marcos da Silva (69/71), Sidney Barone, Pe. (1959), Walmir da Silva Gomes (49/52), além dos colegas freqüentadores assíduos. Contudo, duas cadeiras ficaram vazias: fizeram bastante falta os amigos e queridos companheiros Alfredo Barbieri (49/53) e Lourenço Medeiros Fernandes - *Perereca* - (1949), pois se encontram em tratamento de saúde; para eles nossos votos de rápida recuperação.



# O Seminário no Divã - Depoimentos

*José Wolf (1951/58)*



A fim de compor um amplo painel de opiniões sobre o período da existência do Seminário, o repórter em questão registrou uma série de opiniões de vários ex-alunos do Seminário, presentes no VII Encontro. A questão sexual e a disciplina rígida foram alguns pontos polêmicos citados. A amizade, a formação cultural e a ética, os pontos positivos. Confira, a seguir:

"Vim do Seminário de Pirapora, mas fui aqui, no Seminário de S. Roque, que descobri o convívio ameno da fraternidade e da alegria. A lição mais forte? A simplicidade com que os padres exerciam o professorado". **ASDRÚBAL ÂNGELO BURAFFALDI**, 1948/53, ex-advogado do INPS e da Infraero.

"Vim também do Seminário de Pirapora (49), sob a regência dos cônegos Premonstratenses, inaugurando aqui um novo estágio do Seminário Menor da Arquidiocese de São Paulo, num prédio totalmente remodelado e isolado do mundo. O reitor era o monsenhor Luiz Gonzaga e Constantino Amstalden, o padre ministro. Desse período, não me esqueço dos estudos, das orações, das vésperas e da reza do rosário, além do recreio. A grande lição? A reflexão e a disciplina. O resultado: a grande bagagem cultural, o latim e o português que aprendemos aqui" **NÉLSON ESTEVES SAMPAIO**, 1949/53, advogado.

"A imagem mais forte? A da amizade e da cultura, que nos ensinaram valores que até hoje permanecem. A geografia pode nos separar, mas toda essa história, para mim, nos une. Então, todos aqueles mestres, mesmo com toda a severidade, nos deixaram marcas profundas de organização, de valores e de ética que nos enriqueceram". **FRANCISCO FIERRO**, 1949/53, educador, professor e advogado.

"A imagem mais forte que mantenho do Seminário? A do autoritarismo do Pe. Ministro Amstalden, que me acompanhou por tanto tempo, até nos sonhos. A principal lição? Bem, aqui aprendi a conviver com os outros". **JOAQUIM BENEDICTO DE OLIVEIRA/Quinzinho**, 1950/56, professor de Literatura.

- Oi, grande Justo, você continua

justo? De pai e mãe! A imagem mais forte do Seminário? A da amizade, da disciplina e da cultura, que nossos mestres nos ensinaram. Hoje, por exemplo, é difícil encontrar alguém com essa formação que recebemos no Ibaté. Alguns criticam a rigidez, mas você já imaginou como devia ser difícil orientar mais de 200 jovens, de 12, 13 ou 15 anos? - **JOSÉ JUSTO DA SILVA**, 1951/57, bancário, pedagogo e pintor.

"Imagens e lembranças? São tantas, desde as peças de teatro, os campeonatos de futebol e vôlei. Aliás até me chamavam de Baltazar, porque marquei três gols de cabeça, um sem querer e dois por querer. Mas, a grande lição foi a ter caráter". **WALTER BARELLI**, 1951/57, economista, deputado federal, ex-ministro do Trabalho no governo Itamar Franco.

"A questão sexual, a meu ver, foi o principal problema, uma lacuna em nossa formação, a principal dificuldade. A gente acabou superando, mas com muito sofrimento. A lição? A amizade. E depois, seguindo prá frente, a Filosofia, em Aparecida e a Teologia, em Roma, que orientaram minha vida". **LETTERIO SANTORO**, 1955/59, professor de Literatura.

"A imagem do Seminário que carrego comigo? Francamente, é muito vaga. O que eu gostava mesmo era de jogar bola. Então, não me preocupava muito com outras questões e assuntos. Até lembraria uma passagem: um dia, o Pe. Pascoal, nosso diretor espiritual, para me livrar dos maus pensamentos, me aconselhou a imaginar que estava driblando o lô, que era um cara de estatura avantajada, fortão. A lição? A dedicação ao estudo". **WILSON MOSCA** 1955/57, economista.

"Uma imagem? Os recreios, com toda aquela alegria e amizade, além

das brincadeiras juvenis. Uma lembrança? As festas da Páscoa". **ÉDISON FRADDE** (Fradão) 1960/63, irmão Bernardo, fundador da Congregação Servos da Esperança e da Casa Esperança e Vida, para a recuperação de dependentes químicos.

- Amstalden, o que você ouviu falar sobre o período anterior ao seu? Na verdade, havia uma tradição oral sobre o que havia ocorrido no passado, por meio de ex-alunos que se tornaram padres, trazendo-nos seus depoimentos sobre essa época.

- Você é sobrinho do Pe Constantino Amstalden, uma figura polêmica, qual sua avaliação sobre isso? Sim, o Pe. Constantino foi uma figura extremamente polêmica. Alguns gostavam, outros não. Eu mesmo, quando estive aqui, fui tratado com a mesma rigidez. Ele não permitia qualquer tipo de exceção ou privilégio. Uma imagem forte do Seminário? A amizade, com certeza, mas marcada pela incerteza, pois alguns companheiros acabavam sendo expulsos ou indo embora. Em síntese: a sensação de fragilidade. A lição? A metodologia, a organização. - **DOMINGOS SÁVIO AMSTALDEN** 1964/69, técnico em Informática e administrador de empresa.

- Paçoca, você pegou quase o final da linha de bonde (do Seminário), o que você ouviu falar sobre a fase anterior? Ah, que era uma turma animada e competente, exemplar, seja no futebol, no teatro, seja na literatura, nas brincadeiras, na disciplina e no canto.

- E, para você, qual foi o fato novo? Bem, a batina não existia mais, não era mais o pólo principal, mas a disciplina e os estudos, sob a coordenação do Pe. Constantino, ainda eram bem puxados. Na hora de me ordenar, decidi desistir.

- E, na trajetória profissional você optou pelo...? O Direito. - **MÁRCIO PE-REIRA DA SILVA** (Paçoca), 1967/70), advogado.

"Eu me lembro do meu anjo de guarda me ensinando o que se podia e não se podia fazer, das obrigações, das regras e limitações. Resultado? Foi muito bom, me ajudou a me transformar num homem e cidadão consciente" **ANTÔNIO SIMÕES**, 1967/68, enfermeiro do hospital Albert Einstein e professor de Matemática.

- Corazza, o seminário, em sua opinião, seria uma instituição arcaica? Depende. Se você enfocá-lo dentro da estrutura do Concílio de Trento, não é arcaico, portanto deve perdurar, principalmente, o Seminário Menor. Mas, de outro lado, já existem outras correntes alternativas nas quais algumas congregações e dioceses estão investindo. Correntes que valorizam o apostolado no sentido de testemunho de jovens ou adultos, mas em contato com a realidade das comunidades. Mas, Roma, infelizmente, está demorando a perceber isso, os chamados viri provati, os homens maduros, sejam celibatários ou não, que poderiam exercer o ministério. Por que, então, impor o celibato como condição sine qua non para o exercício sacerdotal e pastoral? Então, Wolf, o seminário do passado, segundo o Concílio de Trento, acertou... Mas, felizmente, o mundo dá voltas, mas o pessoal não consegue acompanhar essa nova realidade de uma igreja mais situada e engajada, como fermento na massa."

- Portanto, Corazza, persiste ainda um ranço de exclusão? Sem dúvida. Eu, por exemplo, sou presbítero, mas me sinto excluído, mesmo trabalhando com as comunidades de base.

- O que você destacaria dessa época do Ibaté, em São Roque? O tacão do Pe. Constantino, a doçura de um Colaço, a compreensão de um Amato, o incentivo de um Luciano Grilli, o dinamismo de um Expedito Marcondes, que despertaram em mim a importância de ser coerente e fiel, de pautar a minha vida segundo a fé, a fidelidade e a perseverança. Ou seja, tenha humildade para recomeçar sempre. Caiu? Levante-se e ande! - **DARCY CORAZZA**, 1949/52, presbítero, que participou da primeira turma a receber a batina no Seminário do Ibaté, em 1952.

Ano 13 - nº 82 - Nov/Dez 2005

## Oratio Prima In Betam



Foto cedida pelo colega Letterio Santoro

Gilberto Cianfloni Lucartz, vulgo Beta (1957-1960), era o enfermeiro responsável naqueles idos tempos do Seminário do Ibaté.

A enfermagem que ele praticava incluía métodos pouco ortodoxos no tratamento de algumas patologias de certos seminaristas. Isso significava, por exemplo, a aplicação de 20 gotas de água - isso mesmo, de água - em meio copo d'água. Aliás, com ótimos resultados terapêuticos.

Às vezes, aplicava esparadrapo em pequenas lesões de colegas e que servia de "curativo" para enforçar certas atividades consideradas indesejáveis (ginástica, aulas, estudos, etc...).

Foi, pois, a propósito desses e de outros atos ilícitos de nosso "enfermeiro" que, naqueles bons tempos, resolvi dirigir-lhe um veemente impropério, uma autêntica "catilinária" (ou "betalinária") contra quem fez por merecer.

A produção desse texto refletia o clima reinante na 5a. série de 1959 na qual Getulino do Espírito Santo Maciel (57/60) e eu nos pusemos a explorar as potencialidades do latim... macarrônico. Getulino escreveu "Piscis Tartarugaque" (\*) e eu, "Oratio Prima in Betam". O texto do Getulino consistiu da Leitura no Refeitório, no horário da janta e o meu ficou para ser publicado no Ecos da Tribuna. Esse Carnaval Latino respondia aos desafios do Padre Luiz Ilk que exigia memorização e declamações dos clássicos segundo as normas da métrica. Viva Baktin!

Paulo Acácio Martins (57/59)

Segue hoje, ipsis litteris, para enriquecimento do nosso ECHUS DO IBATÉ e "ad perpetuam rei memoriam" o texto original de 46 anos atrás, cópia do texto original, muito bem conservado nos arquivos do meu grande amigo e conterrâneo José Moreira de Souza (57/60), de Belo Horizonte, a "Oratio Prima in Betam":

Beta,

Quousque tandem abutere, Beta, patientia nostra? Quandiu etiam furor iste tuus nos iludet?

Quem, ad finem, sese effrenata jactabit audacia in pharmacia?

Vidistine, amici, quomodo ille nos illudet in pharmacia iniectiones falsas, sparadrages, fontoles?

Vidistine?

Hostis seminaristorum es tu, Beta!

Nihilne te nocturnum presidium dormitorii, nihil noctis vigiliae, nihil timor turmae, nihil concursus doentorum omnium, nihil hic munitissimus habendi gremii locus, nihil orum vultus et serenitas moverunt?

Non sentis tua consilia et tapeationes patere?

Constrictam jam scientiam omnium gremistorum conjurationem non vides?

Quid egeris hac maniane cum illa iniectione aquae? Quos convocaveris? Quid fecistis?

Arbitraris nos ignorare hoc? Non. Non ignoramus.

Iniectiones aquae. Gotas aquae, pirulas vergogniosas.

O tempora! O mores!

Nos intelligimus. Pater Praefectus videt. Beta, tamen, vivit. Vivit? Non solum vivit...Imo vero etiam in gremio venit et fit publici sui remedii.

Nos, fortes homines, videmus facere satis regulamenti Casae, si Betae furorem vitemus, Bastat!

### Nota:

(\*) ECHUS INFORMA: Piscis Tartarugaque é obra publicada no Echus 27, de janeiro de 1999



Única lembrança.  
Por que será que foi assim?  
Por quê?  
Não sei. Talvez sei.

É o destino. São os desígnios de Deus.  
Acontece... e aconteceu na minha vida.  
Soava estranhamente em meus ouvidos de criança a palavra "papai".  
Quando menino, tristemente, achava graça ao ver os outros chamando pelo pai.  
Cresci mais um pouco.  
Como adolescente esquisitamente observava os outros a falar do pai e conversar com ele.  
Admirado perguntava a mim mesmo o que seria um pai.  
Seria um homem bravo, carrancudo como me pareciam todos os pais.  
Imaginava, no entanto, com toda a certeza da realidade que meu pai fora um homem sério, trabalhador, corajoso, inteligente, bondoso e amigo. Ele me parecia que fora um homem perfeito.  
Cresci mais... Fui crescendo... Crescendo em idade, tamanho e conhecimento.  
E hoje, com toda a evolução dos meus vinte e dois anos, detenho-me a pensar no meu pai.  
Pergunto a mim mesmo como ele era.  
Penso. Imagino. Procuo lembrar. Mas, nada. Não! Não!  
Recordo-me da minha única lembrança.  
Tinha eu três anos e meio. Em uma sala escura havia muita gente sentada e outras de pé que olhavam quietas um caixão preto comprido que estava fechado e rodeado de quatro velas.  
Lembro-me que um tio me tomou nos braços e mandou que alguém abrisse o caixão preto para que eu visse o que tinha dentro.  
Eu me lembro que abriram o caixão e todos se puseram a chorar.  
Talvez eu tenha chorado. Mas não me lembro porque não me recordo de

# Ao meu querido pai!

## Única lembrança

*Aparecida, 18 de setembro de 1959  
S. Paulo, 18 de setembro de 1940*

ter visto algo dentro do caixão.  
Esta é minha única lembrança, que tenho de meu pai.  
Quando ele terminava dentro daquele caixão eu estava começando a viver.  
Hoje faz dezenove anos que ele foi embora.  
Aniversário de sua morte. Aniversário de minha única lembrança.  
Perdi na infância meu pai, o meu primeiro e melhor amigo.  
O que restou foi só está lembrança dele.  
Não sei o que é um pai.  
Não sei o que é amigo.  
Perdi o primeiro.  
Os outros?  
Os outros...  
Terei só lembranças.

*John Lenemar*

### ECHUS INFORMA:

Assinado com o pseudônimo de John Lenemar, este texto é de autoria do saudoso colega ibateano, João Barizon Sobrinho (1950/56), falecido em 06 de outubro de 2005, a quem prestamos singela homenagem póstuma com a presente publicação. Seu original, guardado com muito carinho por seus familiares, foi escrito em 18 de setembro de 1959, ocasião em que cursava Filosofia no Seminário de Aparecida.



## Leituras (1)

*Eduardo Lima (59/63)*

Se disser que fui um jogador de futebol sofrível durante o tempo que permaneci no Seminário, será um alto (auto) elogio. Fui muito ruim. Só jogava no campinho da plebe e era o último a ser escolhido. Ficava sempre na defesa, derradeiro posto dentro do campo onde o dano para o nosso tipo de jogo poderia ser menor. Com o tempo, convenci-me de que, se ficasse fora do campo, seria melhor para todos - inclusive para mim mesmo.

Assim, enquanto os demais esperavam ávidos as quintas e domingos para o jogo de futebol, eu empregava esse tempo livre em ler, hábito antigo adquirido junto com a alfabetização. Antes de ir para São Roque, tinha lido a obra infantil do Monteiro Lobato e vários outros livros que me caíram nas mãos, indiscriminadamente, dos quais pouco me recordo. Nos dias de festa, quando todos desciam para o campo, a paz e o silêncio se instalavam e no estúdio deserto eu reencontrava meus amigos: Winnetou; Sherlock Holmes; Miguel Strogoff, o Correio do Czar; o Capitão Nemo e tantos outros heróis.

A biblioteca do Seminário era pequena, poucos volumes, a maioria de cunho religioso e obras de "formação" para jovens. Alguém por acaso se lembra dos livros do Tom Playfair, um menino bonzinho e chato cujas histórias eram destinadas a servir de exemplo? Eram edições portuguesas cheias de "rebuçados", "pastilhas elásticas" e outros termos locais, que atravancavam a leitura e se juntavam à sensaboria da narrativa para produzir efeito contrário ao pretendido. A biblioteca era pequena e censurada. Acho que está na nossa memória comum a violência cometida contra a arte retratada no "Tesouro da Juventude", obra que tinha todas as suas reproduções fotográficas de quadros e esculturas com nus masculinos ou femininos cobertos com cola e uma grossa folha de papel.

Mas mesmo assim, os livros possíveis representavam uma pequena fortuna e, apesar da censura severa, tive surpresas. Algu-

mas obras resistiram - creio que por desconhecimento do seu conteúdo pelos bons padres. Era o caso dos romances históricos do Arthur Conan Doyle.

Os livros do Conan Doyle, editados pela Companhia Melhoramentos, vinham em três séries: As "Aventuras de Sherlock Holmes", os "Contos de Horror e de Aventuras" e os "Romances Históricos". É conhecida a história do ódio que o autor devotava à sua personalidade mais famosa. Doyle queria ser um grande autor dedicado à literatura "séria", comparável aos maiores da sua época, e ressentia-se do grande sucesso de público alcançado por seu detetive que o vinculava a uma literatura, no seu entendimento, de segunda categoria. Matou a sua criatura em uma história inesquecível, granjeando o repúdio de milhões de leitores do mundo inteiro cujo clamor obrigou-o a ressuscitar o herói, logo depois, para alegria de todos nós.

Ironicamente os "Romances Históricos" hoje estão esquecidos. Uma pena. Quem leu "A Companhia Branca" sabe a que estou me referindo. Nestas obras o autor não se furta a uma certa dose de realismo que resultava, digamos, em cenas acaloradas para um adolescente seminarista da época. Sherlock Holmes no entanto é inolvidável. Principalmente se você o leu nesse período da vida em que sonho, ideal e realidade se misturam a ponto de se tornarem uma coisa só. Nos momentos de silêncio, numerosos no Seminário, a imaginação corria solta. Em cada corredor se alongava a densa neblina londrina. Em cada canto, um mistério novo esperava para ser resolvido. Ao longe, o cão dos Baskervilles assombrou a noite com seus olhos em brasa.

Jorge Luis Borges, que considero o maior dos escritores do século XX - um século de grandes escritores - é autor de uma muito curiosa "Introdução à Literatura Inglesa", um livreto de menos de cinquenta páginas em que, de uma penada só, abole da literatura inglesa uma grande parte dos considerados grandes autores pela crítica, mas reserva um espaço para Conan Doyle por causa do seu personagem imortal. Borges - um grande leitor - considera o leitor mais importante que o autor e acredita que a obra só existe (persiste) enquanto dá prazer. E Sherlock Holmes, sem dúvida alguma, representou para mim - para nós, em nosso tempo - o grande prazer do texto. (Continua na próxima edição)

# Recordar é viver

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Impressionante constatar como o tempo é simplesmente inexorável. Ele não admite delongas e nos conduz, celeremente, aos páramos da Eternidade. Para muitos o tempo não passa, nós é quem passamos. O tempo permanece para nos dizer adeus.

Assim é que, vasculhando alguns papéis avulsos, um tanto amarelecidos pelo rigor da idade, deparei-me com a mensagem do ilustre colega, exímio poeta das priscas eras, Waldemar Waldyr de Faria, o De Faria, mensagem esta que deveria estar inserida num álbum de recordação, na despedida do seminário de São Roque, em 1958, álbum que o tempo desfolhou.

Agora, quase 47 anos são passados e me permito dividir com os colegas este registro de amizade regado de poesia e sutileza:

"Joel. Sinto-me deveras embaraçado. Atrapalhado. Encaabulado. Quase diria - não sei que dizer...Que escrever. Um irmão assustar-se frente a outro? Não. O que amedronta minha incapacidade é a honra que deste: Colocar palavras (eu?) no início deste álbum. Ainda mais no dealbar deste álbum. Na aurora de um álbum!

Nas folhas vindouras, quanto sol virá?...Sol falando com as horas. Tardes beijando o sol. Crepúsculos cheirando nostalgia...saudade...saudade...Estas páginas se prolongarão como um dia...abrirão asas como que para um vôo branco. Será branco. Branco, até que chegue a tarde...Abrirão asas de luz para um dia grande. Agora é o amanhecer. E tu me dás o amanhecer de teu dia? O amanhecer?!...Que dizer-te? Tua alma de poeta (bem sei quanto amas os versos) sente tudo. Não mais preciso falar.

Dizer-te, as tardes de estio são belas? A melancolia mora na cratera dos crepúsculos? As borboletas, em setembro, namoram o sol? Dizer que gosto de nuvens? Que admiro a canção das estradas desertas? Dizer-te que vi, vezes muitas, as abelhas rezando, nas corolas, suas missas de pólen e sol?...Que, no meu quintal, as bananeiras choram de tarde? Que tenho dentro de mim uma floresta de sol e de borboletas?

Este álbum, mais tarde - amanhã - te fale do hoje. Do ontem que agonizou na estrada! A minha pobreza te deixa um soneto meu. (Coitado de mim!...) Um soneto! Um soneto que fará as vezes de saudade. De lembrança. Que amanhã vai te contar os dias de hoje. Ele vai falar do que fica...Se pudéssemos levar conosco os dias!...Às vezes, quando a flor quer murchar-se, coloca-se o vaso na janela. Assim fazia uma florista da Rua Gonçalves Dias...Meu soneto ficará à janela de teu álbum. Ficará bebendo seu sol. Seu sol. Seu sol! Conversará com os que passarem. Talvez converse saudades. Talvez fale de luas, ventos. Quiçá cante um hino de ninhos, cheirando flor de morango...Os olhos que por aqui passarem, os transeuntes olhos - antes de beberem recordações, sentirão em cada folha um eco de saudade! Aquele eco doce. Doce como as manhãs de setembro. O eco que cada homem costuma guardar no fundo do peito...

## A uma cigarra

*Canta, cigarra, enquanto o sol impera,  
Enquanto dançam flores nas verduras.  
Enquanto, meigas, hoje as criaturas  
Bebem, radiantes, sol de primavera...*



*Mas amanhã, no albor de nova era,  
Quando não houver mais réstias de ternuras,  
E o cinzento flagelo das agruras  
Te molestar com gargalhada fera,*

*Sentirás, certamente, o que senti,  
Em manhãs que se foram, amarelas...  
Pesares e saudades que sofri...*

*Enfim, nós dois, cigarra, nas janelas,  
Revivendo o que outrora já vivi,  
Riremos o sorrir das almas belas...*

*O amigo Waldemar Waldyr (São Roque, 21/IX/58)*

## AGRADECIMENTOS

De 01/09/2005 a 18/11/2005 recebemos contribuições dos seguintes colegas: José Écio Pereira da Costa Júnior, Alberto Pimenta Júnior, Araldo José Razera Papa, Antônio de Lima, Antônio José de Almeida, Marcos Tarciso Masetto, José Ricardo Falcão, Néelson Pereira de Jesus, Wilson Mosca e Vera Leandro da Silva.

## Photo Antiqua



Foto de equipe da recreação de São Domingos, de 1957 ou 1958, enviada da capital mineira pelo amigo **JOSÉ MOREIRA DE SOUZA** (1955/59). Os leitores estão convidados a enviarem cartas sugerindo o nome dos atletas, pois nenhum deles foi identificado.

# Correspondências e E-mails recebidos



**ALFREDO BARBIERI (1949/53)** - Caríssimo Careca, colega divulgador e literato. Pax et Bonum - Já estou em casa desde sexta-feira passada. Já tirei os pontos, mas continuo até a próxima terça-feira com uma sonda acoplada a um coletor que, como um cachorrinho devo levar para onde for. Tudo correu bem e quero que agradeça por mim a toda a família ibateana que, com certeza, esteve unida a mim. Vocês não podem imaginar a força e o conforto que a nossa fraternidade transmite. Com confiança, a gente sabe que não está só. Que a amizade de todos os ibateanos nos acompanhe com orações, incentivo e apoio. Agradeço a Deus e a Nossa Mãe, o Coração Imaculado de Maria, todos os dons recebidos. Agradeço o dom da vida, a alegria e o conforto de tê-los como amigos e irmãos. Recebi a notícia de nosso Perereca, que está hospitalizado aguardando cirurgia. Quero acompanhá-lo passo a passo, com apoio, orações e, se estiver com ele, transmita meu apreço e que estarei unido a ele e torcendo por ele. *Salus Infirmorum, ora pro nobis. Pax et Salus.* alfredo\_barbieri@hotmail.com 28/10.2005



**JOSÉ ROBERTO CARNEIRO (66/68)** - Caros amigos, como foi ótimo o VII Encontro em São Roque. Estar lá de novo, participar da Santa Missa, rever os antigos companheiros de Seminário, relembrar os tempos passados no Ibaté. Estou aguardando ansioso o novo encontro (pena que não seja anual) e aguardando, também, a edição do nosso querido jornal *ECHUS DO IBATÉ*, para ver as reportagens, as fotos antigas e os artigos publicados, sempre interessantes.



**MARCOS TARCISO MASETTO (49/55)** - Prezados amigos do Echus, boa tarde! Tenho recebido e lido constantemente o jornal *ECHUS DO IBATE*. Ao lê-lo, muitas lembranças voltam à minha mente. Gosto de lê-lo e reencontrar colegas antigos através dele. Sou muito grato a vocês pelo trabalho de mensalmente nos colocar em contato. Acabo de encaminhar, via banco, uma contribuição para colaborar com as despesas. Grande abraço a todos os colegas de 49 a 55.

## CONTRIBUIÇÕES

Podem ser feitas para o **ECHUS** através da **conta corrente nº 226.990-2, no Banco Bradesco, agência 95-7, Nova Central**, em nome de um dos tesoureiros.

**Solicitamos que nos envie o comprovante do depósito para indentificarmos o colega e fazermos o devido registro**



## Fluxo financeiro

Posição até 18/11/2005

POSIÇÃO EM 31.08.2005.....	R\$ 8.631,33
<b>ENTRADAS</b>	
Contribuições e doações.....	R\$ 632,60
Juros.....	R\$139,96
<b>TOTAL ENTRADAS.....</b>	<b>R\$ 772,56</b>
<b>SAÍDAS</b>	
Postagem Informativo nº 82.....	R\$ 891,60
Impressão Informativo nº 82.....	R\$ 700,00
Kalunga nf 169177-envelopes.....	R\$ 25,73
Despesas Bancárias.....	R\$ 27,32
<b>TOTAL SAÍDAS.....</b>	<b>R\$ 1.644,65</b>
<b>SALDO ATUAL 18.11.2005.....</b>	<b>R\$ 7.759,24</b>

**TESOUREIROS: Carlos D.Cosso  
Wilson Mosca - Gilberto Lucarts**

## EXPEDIENTE

**Equipe responsável:** Wilson Mosca, Paulo Toschi, José Justo da Silva, Antônio Simões e Márcio Pereira da Silva.

**Artigos e colaborações:** Enviar para *ECHUS DO IBATÉ*, Cx. Postal 71509 - 05020-970 - S.Paulo-SP (Obs. Se possível, enviar material em disquete ou por e-mail, com textos em *word* e fotos ou no original, que logo serão devolvidas pelo correio, ou digitalizadas em formato jpg.)

**Responsabilidade:** Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, não expressando necessariamente a opinião da equipe responsável.

**Internet:** e-mail: echus@zipmail.com.br

**Diagramação:** Marcelo Silva Calixto (11) 6162-3640

**Impressão:** Gráfica e Editora J.Chevalier (11)3228-9988